

MÃO E PENSAMENTO - UM ESTUDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E COGNITIVO DA CRIANÇA CANHOTA

Heloísa Bueno Posso Marcandali (IC) e Isabel Orestes Silveira (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

Esta pesquisa investiga o desenvolvimento motor e cognitivo de crianças canhotas, com foco na influência da falta de apoio dos educadores na lateralidade esquerda. O estudo ressalta a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e adaptadas, capazes de atender às demandas específicas desses alunos, promovendo equidade no ambiente escolar. São analisadas as dificuldades enfrentadas pelos canhotos, sobretudo no processo de alfabetização, como a manipulação de materiais escolares projetados para destros e os desafios relacionados à escrita de esquerda para direita, que podem gerar borrões e dificultar a visibilidade do texto. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou um questionário semiestruturado, aplicado virtualmente a 25 professores de crianças de 4 a 7 anos de escolas públicas e particulares de diferentes regiões do país. Os dados coletados evidenciam a percepção dos educadores sobre os desafios enfrentados por crianças canhotas e apontam a necessidade de capacitação específica para lidar com essas demandas. O trabalho destaca o papel do professor na criação de um ambiente de aprendizagem inclusivo, que valorize as diferenças e contribua para um desenvolvimento saudável, fortalecendo a autoestima dos alunos.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil, Canhotismo, Prática pedagógica.

ABSTRACT

This research investigates the motor and cognitive development of left-handed children, focusing on the influence of the lack of educator support for left-handed laterality. The study emphasizes the need for inclusive and adapted pedagogical practices that address these students' specific needs, promoting equity in the school environment. The challenges faced by left-handed individuals are analyzed, especially during the literacy process, such as handling

school materials designed for right-handed students and difficulties related to writing from left to right, which can cause smudging and hinder text visibility.

This qualitative study utilized a semi-structured questionnaire, applied virtually to 25 teachers of children aged 4 to 7 from public and private schools across different regions of the country. The collected data reveal educators' perceptions of the challenges faced by left-handed children and highlight the need for specific training to address these demands. The study underscores the teacher's role in creating an inclusive learning environment that values differences and fosters healthy development, strengthening students' self-esteem.

Keywords: Child development, Left-handedness, Pedagogical practice.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge do interesse em estudar o desenvolvimento infantil, com foco no apoio pedagógico às crianças canhotas. A motivação inicial decorreu de uma observação familiar: o filho da pesquisadora, com cerca de dois anos e meio, demonstrava preferência pela mão esquerda em atividades como segurar talheres, escovar os dentes e desenhar. No entanto, em ambiente escolar, relatos da professora indicavam falta de interesse e dificuldade na realização dessas tarefas, especialmente ao usar a mão direita, comumente incentivada.

Essa constatação revelou a necessidade de maior sensibilidade por parte dos educadores em relação ao desenvolvimento motor das crianças canhotas. Frequentemente, a insistência no uso da mão direita é interpretada como um auxílio para a grafia, desconsiderando o impacto dessa abordagem na autoestima e no aprendizado das crianças. Em casa, ao serem propostos estímulos motores direcionados à mão esquerda, notou-se maior interesse e sucesso nas atividades.

Além disso, materiais escolares e instrumentos pedagógicos são frequentemente desenvolvidos para destros, impondo barreiras adicionais às crianças canhotas. É importante compreender que “o canhotismo se refere à preferência ou habilidade do uso do lado esquerdo do corpo, seja na mão, membros inferiores ou até na lateralidade ocular” (COSTA; SOUSA, 2020, p. 339).

A relevância de pesquisas sobre canhotismo transcende o ambiente escolar, contribuindo para práticas pedagógicas mais inclusivas e para avanços em áreas como neurociência, psicologia e educação. Essa investigação visa responder a questões cruciais,

como o impacto das práticas pedagógicas nas dificuldades enfrentadas por canhotos e suas implicações emocionais.

Nos primeiros anos da infância, habilidades psicomotoras são fundamentais para o manejo de materiais gráficos como lápis, giz e tesouras. A lateralidade, definida como a propensão ao uso preferencial de um lado do corpo, manifesta-se de forma mais evidente entre os 4 e 5 anos (ALVÃO; BOGONI, 2017). Crianças canhotas enfrentam desafios únicos durante o processo de alfabetização, como a visibilidade da escrita e a adequação de materiais e instrumentos pedagógicos, o que pode afetar sua autoestima e desempenho.

A hipótese central da pesquisa é que muitos professores, especialmente nos anos iniciais, estão despreparados para atender às necessidades de crianças canhotas. A prática pedagógica frequentemente privilegia a mão direita, ignorando as preferências naturais da criança, o que pode levar a sentimentos de inadequação. Além disso, fatores como o elevado número de alunos em sala de aula dificultam a observação atenta do desenvolvimento motor de cada estudante.

Este estudo tem como objetivo geral investigar o desenvolvimento infantil, com ênfase na motricidade de crianças canhotas, e analisar as práticas pedagógicas adotadas por professores na pré-alfabetização e alfabetização. Os objetivos específicos incluem identificar as dificuldades enfrentadas por canhotos no ambiente escolar e propor abordagens pedagógicas inclusivas que valorizem sua individualidade e fortaleçam sua autoestima.

A pesquisa fundamenta-se na perspectiva de Nóvoa (1991), que defende a reflexão docente como base para a transformação prática e teórica. Assim, busca-se não apenas compreender os desafios enfrentados pelas crianças canhotas, mas também contribuir para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas sensíveis e eficazes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LATERALIDADE CANHOTA

Embora seja difícil precisar quando surgiu o preconceito contra as pessoas canhotas, sua existência é amplamente documentada. A dominância dos destros remonta a civilizações antigas, como gregos, romanos, chineses, egípcios e mesopotâmicos. Nessas culturas, a mão direita era frequentemente utilizada em cerimônias e na alimentação, perpetuando a visão preconceituosa sobre o uso da mão esquerda. Durante a Idade Média, os canhotos eram acusados de terem vínculos com o "Maligno" e, no contexto da Inquisição, tal característica podia levar mulheres a serem sentenciadas à morte sob acusação de bruxaria (MILENKOVIĆ

et al., 2019). Nesse período, ser canhoto era interpretado como oposição a Deus, sendo associado ao mal (RANGEL; SOUZA; NASCIMENTO, 2015, p.10).

Nos séculos XVIII e XIX, a discriminação persistiu, influenciando práticas pedagógicas que incluíam punir crianças canhotas fisicamente ou amarrar suas mãos esquerdas para forçá-las a usar a direita. Durante a Revolução Industrial, os canhotos enfrentaram ainda mais dificuldades, já que máquinas e ferramentas eram projetadas exclusivamente para destros.

Apesar das descobertas sobre os hemisférios cerebrais entre as décadas de 1960 e 1970, muitas escolas continuaram exercendo pressão psicológica ou mesmo impondo punições corporais às crianças canhotas. Atualmente, mesmo com maior acesso à informação, ainda há pais e professores que incentivam o uso exclusivo da mão direita, buscando forçar a adaptação ao contexto escolar. Essa pressão pode gerar estresse significativo durante a infância, especialmente no ambiente educacional.

No entanto, é consenso que o espaço escolar não deve impor a utilização de uma mão específica. As mãos, embora simétricas em aparência, têm funções distintas e individuais (MILENKOVIĆ et al., 2019). Se no passado o uso da mão esquerda era alvo de preconceito, hoje há quem associe a lateralidade canhota à inteligência. Um exemplo dessa valorização é a declaração do dia 13 de agosto como o Dia Internacional dos Canhotos.

Embora as razões para a lateralidade ainda sejam incertas, bem como a proporção de canhotos no mundo, é imprescindível promover a aceitação e adaptação a essa característica (RANGEL; SOUZA; NASCIMENTO, 2015).

2.2 DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS CRIANÇAS CANHOTAS NA FASE DE 03 A 07 ANOS DE IDADE

O desenvolvimento infantil, segundo Henri Wallon (1979), ocorre pela síntese de dimensões afetivas, motoras e cognitivas, integrando aspectos orgânicos e sociais. As condições orgânicas oferecem as possibilidades internas para interação com o meio físico e social, enquanto este último determina o que a criança precisa aprender e como, moldando suas respostas e adaptações culturais (PEREIRA, 2017, p.33).

Wallon explica que, entre os 3 e os 6 anos, as crianças atravessam o estágio do personalismo, caracterizado pelo desejo de imitar e assimilar características das pessoas ao seu redor. Como a maioria dos adultos e colegas é destra, as crianças canhotas podem tentar reproduzir esses comportamentos para se adequar ao ambiente. Essa imitação, porém, não deve ser forçada, pois a lateralidade é uma habilidade essencial no desenvolvimento infantil.

Pressionar a utilização da mão direita pode resultar em dificuldades na aprendizagem escolar e outros problemas (ALVÃO; BOGONI, 2017).

Ao consolidarem a mão esquerda como dominante, as crianças enfrentam desafios significativos, especialmente durante o processo de alfabetização. Oliveira (2001 apud ALVÃO; BOGONI, 2017, p.6) lista nove desafios comuns:

1. Dificuldade com a direção gráfica;
2. Confusão ao aprender conceitos de esquerda e direita;
3. Ritmo lento e caligrafia ilegível;
4. Postura inadequada;
5. Dificuldade de coordenação motora fina;
6. Espelhamento de letras;
7. Problemas emocionais e baixa autoestima;
8. Movimentos involuntários associados a movimentos voluntários;
9. Dificuldades na estruturação espacial.

A escola, como ambiente de desenvolvimento integral, deve estar preparada para atender às necessidades das crianças canhotas, oferecendo materiais adequados, como tesouras e carteiras específicas. Além disso, é essencial que professores e familiares colaborem para respeitar e valorizar as escolhas naturais da criança em relação à lateralidade.

Conforme Vygotsky (1984, p.98), o professor é mediador no processo de aprendizagem, estimulando o avanço dos alunos. Reconhecer e abordar os desafios enfrentados pelas crianças canhotas permite que o ambiente educacional seja inclusivo, minimizando dificuldades motoras e emocionais. Essa perspectiva é reforçada por Oliveira (2014), que defende a parceria entre escola e família como fundamental para o pleno desenvolvimento infantil.

Portanto, é indispensável que a formação docente inclua abordagens sobre lateralidade, incentivando práticas inclusivas e respeitosas que promovam uma aprendizagem significativa para todos os alunos.

3. METODOLOGIA

Inicialmente, realizou-se um levantamento do estado da arte, com o objetivo de identificar autores relevantes na abordagem do desenvolvimento infantil. Referências como

Neves e Damiani (2006), que exploram as ideias de Vygotsky, e Pereira (2017), que destaca as contribuições de Wallon, oferecem valiosas perspectivas para o entendimento do universo infantil. Adicionalmente, obras como as de Alvão e Bogoni (2017) e Rangel, Souza e Nascimento (2015) abordam a motricidade, ressaltando a importância de os professores se familiarizarem com os aspectos motores de seus alunos. A incorporação dessas fontes proporciona uma base sólida para ampliar o conhecimento no campo investigado por este estudo.

Para a coleta de dados, foi realizada uma investigação com 25 professores que atuam com crianças de 4 a 7 anos em diferentes escolas públicas e particulares do Brasil. A pesquisa buscou avaliar se há uma preocupação efetiva com o desenvolvimento motor das crianças canhotas e compreender a percepção dos docentes quanto à inclusão e aos sentimentos desses alunos no contexto escolar.

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário com perguntas semiestruturadas, idealizado para captar dados acerca da visão dos educadores sobre seus alunos, especialmente sobre aqueles não destros. A seleção dos participantes ocorreu por meio do acesso da pesquisadora às mídias sociais, sendo o formulário divulgado nas redes virtuais da pesquisadora e de sua orientadora. Para garantir a ética e a privacidade, optou-se pelo anonimato tanto dos participantes quanto das instituições de ensino às quais estavam vinculados.

As perguntas foram distribuídas por meio da plataforma Google Forms, proporcionando uma abordagem prática e digital. O questionário incluiu questões relacionadas à percepção docente sobre o desenvolvimento infantil, com ênfase nos aspectos motores e na destreza dos alunos para a realização de atividades gráficas escolares.

Os professores participantes foram devidamente informados sobre os objetivos da pesquisa de opinião e forneceram consentimento para sua participação. Todas as diretrizes éticas foram rigorosamente seguidas durante o processo de coleta de dados, assegurando a integridade e o respeito aos envolvidos.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.2 DADOS DEMOGRÁFICOS E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DOS PROFESSORES

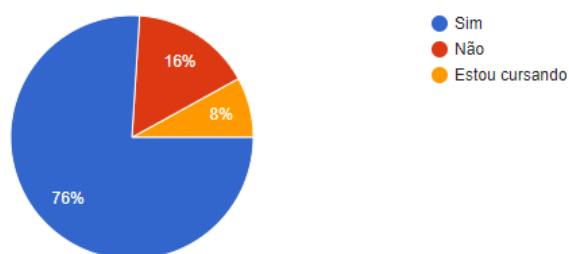
O questionário foi respondido por 25 professoras, todas do sexo feminino, com idades entre 20 e 64 anos. Entre as participantes, dez residem na cidade de São Paulo/SP, sete em Atibaia/SP, e as demais em municípios como Bom Jesus dos Perdões/SP, Cotia/SP, Embu das Artes/SP, Goiânia/GO, Mogi das Cruzes/SP, Ubá/MG e Vinhedo/SP.

Todas as participantes possuem formação em Pedagogia, sendo que três também cursaram Magistério e sete têm formação em outras áreas, como Letras, Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia, Publicidade, Matemática e Ciências Biológicas.

No que diz respeito à especialização, 19 professoras (76%) possuem algum curso de pós-graduação lato sensu, quatro (16%) não têm especialização, e duas (8%) estão atualmente cursando uma. As áreas de especialização mais frequentes foram Psicopedagogia (28%) e Alfabetização (20%).

Nenhuma das participantes relatou ter concluído cursos de pós-graduação stricto sensu, como mestrado ou doutorado. O Gráfico 1 ilustra a distribuição das especializações entre as professoras, destacando as áreas predominantes de formação complementar.

Gráfico 1: Resultado da pergunta sobre especialização.



Entre as participantes, treze educadoras (52%) trabalham em escolas públicas e doze (48%) em instituições privadas. Além disso, três profissionais (12%) relataram ter migrado da rede particular para a pública após alguns anos de atuação. O tempo de experiência na docência variou amplamente, de 2 a 40 anos.

Quando questionadas sobre os níveis de ensino em que já lecionaram ou ainda lecionam, os resultados foram: dezenove professoras (76%) atuam na Educação Infantil e dezoito nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Outras três mencionaram ter experiência nos Anos Finais do Ensino Fundamental, e uma respondeu atuar no Ensino Médio.

Essas informações oferecem um panorama contextual que permite interpretar os resultados da pesquisa, ajudando a identificar padrões ou diferenças dentro da amostra estudada.

4.3 CARGA HORÁRIA E NÚMERO DE ALUNOS

Com relação à carga horária, 23 entrevistadas (92%) atuam no período da manhã, 20 (80%) também trabalham no período da tarde, e apenas uma atua à noite. Esses dados sugerem que a maioria das professoras possui uma jornada dupla de trabalho.

O número de alunos por sala variou de 7 a 35 crianças, com uma média de 20 a 25 estudantes por turma. Observou-se que as salas mais numerosas pertencem à rede pública, enquanto as menores estão em escolas particulares.

4.4 DIFICULDADES OBSERVADAS NA ROTINA DOCENTE

Em termos gerais, as professoras não relataram dificuldades motoras significativas entre as crianças em suas rotinas diárias. No entanto, os desafios mencionados com maior frequência incluíram falta de disciplina dos alunos, desinteresse por parte das famílias e o elevado número de estudantes por sala.

4.5 DIFICULDADES MOTORAS EM CRIANÇAS DE 4 A 7 ANOS – LATERALIDADE

No que diz respeito à lateralidade, as professoras observaram que muitas crianças entre 4 e 7 anos apresentam dificuldades no desenvolvimento da coordenação motora fina, como segurar lápis, manusear tesouras, manter segurança no traçado e realizar o movimento de pinça. Além disso, destacaram a ausência de autonomia em tarefas diárias e a dificuldade em diferenciar os lados esquerdo e direito.

Um caso relatado por uma professora exemplifica que algumas crianças preferem utilizar a mão direita em atividades, mesmo quando sua mão dominante é a esquerda. Esse comportamento reflete o período de exploração comum na definição da lateralidade. É importante ressaltar que o processo de estabelecimento do lado dominante varia entre os indivíduos, e os professores desempenham um papel fundamental ao oferecer atividades que estimulem a coordenação motora e a consciência corporal.

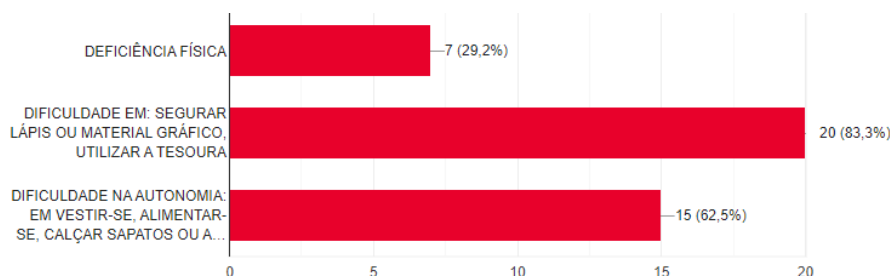
Das professoras entrevistadas, 96% (24 participantes) afirmaram ter experiência com crianças cuja coordenação motora fina apresenta desafios. Entre as dificuldades específicas mencionadas:

- Deficiência física: 29,2% (7 professoras);
- Dificuldades em segurar lápis ou materiais como tesouras: 83,3% (20 professoras);
- Obstáculos na autonomia em atividades como vestir-se, alimentar-se ou amarrar sapatos: 62,5% (15 professoras).

O Gráfico 2 ilustra essas porcentagens e detalha os desafios mais recorrentes na rotina escolar.



Gráfico 2: Respostas sobre quais as dificuldades motoras finas que mais observaram em sua atuação.



Na pesquisa, vinte e quatro professoras (96%) relataram já ter tido alunos canhotos. Do total, doze profissionais (48%) acreditam que esse grupo encontra alguma dificuldade, oito (32%) creem em talvez alguns desafios e cinco (20%) defendem não existir qualquer dificuldade motora (gráfico 3).

4.5 INTERAÇÃO COM CRIANÇAS CANHOTAS

Entre as professoras entrevistadas, vinte e quatro (96%) relataram já ter tido experiência com alunos canhotos. Ao serem questionadas sobre as dificuldades enfrentadas por esse grupo, os resultados foram: doze profissionais (48%) acreditam que os canhotos encontram desafios motores, oito (32%) consideram que algumas dificuldades podem ocorrer, e cinco (20%) defendem não haver qualquer diferença significativa (Gráfico 3).

Sete professoras (28%) apontaram os canhotos como o grupo com maiores desafios na coordenação motora fina. Dentre os principais argumentos apresentados, destacam-se:

1. “Porque a maioria dos materiais são feitos para destros.”
2. “Nem sempre há material próprio para canhoto na escola.”
3. “Creio que ambos [destros e canhotos] enfrentam dificuldades, mas o canhoto sofre mais por ser canhoto.”
4. “O material é pensado majoritariamente para destros.”
5. “A maior parte dos materiais não é adequado ao uso do canhoto, pois foi desenvolvido pensando no uso destro, como tesouras.”
6. “Professores estão acostumados a auxiliar destros na escrita, por exemplo.”
7. “Tenho um aluno que apresenta sinais de ser canhoto. Ele tem dificuldade de concentração, locomoção e no uso de materiais como lápis de cor e pincel.”

As demais entrevistadas (72%) defenderam que a lateralidade em si não representa um fator determinante para os desafios motores, sendo os estímulos recebidos pelas crianças mais relevantes para o desenvolvimento dessas habilidades.

Os depoimentos das educadoras que identificaram dificuldades específicas enfrentadas pelos canhotos destacam preocupações importantes:

- Falta de materiais apropriados: A ausência de utensílios como tesouras ou outros instrumentos adaptados para canhotos é frequentemente mencionada como um obstáculo prático no ambiente escolar.
- Preparação docente: A observação de que professores estão mais habituados a auxiliar destros sugere a necessidade de formação continuada e conscientização para lidar com alunos canhotos.
- Impactos na aprendizagem: Um exemplo relatado detalha as dificuldades de um aluno em tarefas simples, como segurar lápis ou pincéis, reforçando a importância de atenção individualizada e recursos pedagógicos inclusivos.

Esses resultados evidenciam a relevância de estratégias educacionais voltadas para a inclusão de crianças canhotas. Oferecer materiais específicos e promover ações de sensibilização entre professores são passos fundamentais para garantir um ambiente equitativo que favoreça o pleno desenvolvimento das habilidades motoras e cognitivas de todos os alunos.

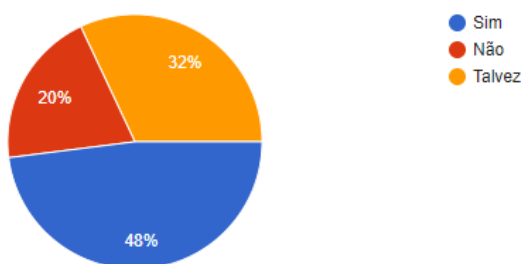


Gráfico 3: Respostas para a pergunta: “Na sua opinião, a criança canhota encontra alguma dificuldade para exercício das atividades escolares?”.

4.6 JUSTIFICATIVAS SOBRE OS DESAFIOS DE ALUNOS CANHOTOS

Ao analisar as justificativas fornecidas pelas professoras sobre os desafios enfrentados pelos alunos canhotos, destacam-se múltiplos aspectos, que abrangem desde dificuldades práticas até questões emocionais e sociais no ambiente escolar. As respostas incluem desafios relacionados ao uso da tesoura, à pegada do lápis e à posição no papel. As

professoras apontaram que, enquanto a escrita de um canhoto exige uma posição corporal diferente, isso não impede que ele realize suas habilidades motoras. Outros comentários mencionaram dificuldades como o risco de borrar a escrita e o movimento de pinça doloroso, bem como a dificuldade na pega do lápis, que pode causar desconforto e interferir na postura. Algumas destacaram que os canhotos muitas vezes precisam modificar a posição do corpo para adaptar-se ao espaço para a escrita, o que revela a importância de mesas e materiais adaptados, assim como da conscientização sobre noção espacial.

Além disso, foi mencionado que no início da alfabetização, os alunos canhotos tendem a demorar mais tempo para realizar o registro, o que sugere a necessidade de estratégias específicas durante essa fase crítica. A falta de materiais adaptados, como tesouras e carteiras ajustáveis, foi apontada como um fator limitante, pois o ambiente escolar ainda está majoritariamente preparado para destros. Uma resposta indicou que essa falta de adaptação pode levar a sentimentos de inadequação, com a criança canhota desejando se igualar aos colegas destros, o que pode afetar seu desenvolvimento emocional.

Por outro lado, 88% das respostas indicaram que o desenvolvimento infantil é estimulado de forma semelhante entre canhotos e destros. No entanto, uma profissional destacou que a lateralidade cerebral ainda em desenvolvimento poderia deixar a criança canhota confusa ao escrever. Outra educadora, ao sinalizar "Talvez", complementou que canhotos precisam de mais atenção e paciência, indicando a importância de uma abordagem individualizada, onde os educadores devem estar atentos às particularidades de cada criança.

4.7 ESTRATÉGIAS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS CANHOTOS

Em relação às estratégias de apoio, apenas 12% das professoras notaram casos de preconceito ou estigmatização em relação ao uso da mão esquerda. Uma observação interessante foi a associação do termo "canhoto" com o conceito de "sinistro" na língua italiana, o que pode refletir estereótipos culturais e linguísticos que influenciam negativamente a percepção das crianças canhotas. Isso reforça a necessidade de conscientização e de uma linguagem mais inclusiva no ambiente escolar.

As estratégias citadas pelas educadoras para apoiar os alunos canhotos incluem a aquisição de materiais adequados, como tesouras e carteiras adaptadas, bem como o desenvolvimento da coordenação motora fina da mão esquerda. A troca de posições de carteiras e o acompanhamento mais próximo também foram mencionados como práticas eficazes.

Além disso, quatro entrevistadas (16%) destacaram que as crianças canhotas apresentam habilidades notáveis em áreas como artes, matemática e futebol, o que sugere que, apesar das dificuldades, essas crianças podem desenvolver talentos excepcionais.

4.8 CONSCIENTIZAÇÃO E RECURSOS NA ESCOLA

Uma lacuna relevante foi identificada na conscientização das escolas sobre as necessidades específicas dos alunos canhotos. Nenhuma das entrevistadas mencionou a promoção ativa da conscientização sobre lateralidade ou a oferta de recursos ou treinamentos específicos para os professores. Essa responsabilidade é geralmente atribuída aos próprios educadores, que lidam com o tema conforme acham necessário em sala de aula.

Uma educadora mencionou a presença de uma especialista em grafomotricidade, que orienta os professores no desenvolvimento da coordenação motora fina, essencial para a escrita. A inclusão dessa especialista sugere um esforço para fornecer apoio personalizado aos alunos que enfrentam dificuldades motoras finas, seja como medida preventiva ou corretiva.

Entretanto, o fato de que apenas uma participante tenha se mostrado interessada em discutir a conscientização sobre lateralidade nas escolas sugere que muitos professores ainda não percebem a necessidade de formação ou capacitação nesse sentido. É importante investigar se isso se deve ao desconhecimento sobre a questão ou à percepção de outras prioridades nos ambientes escolares.

Embora a amostra seja modesta, a pesquisa revela a importância de discutir as necessidades dos alunos canhotos no ambiente escolar, destacando a necessidade de maior conscientização, adaptações no ambiente físico e desenvolvimento de estratégias específicas. A pesquisa também aponta para o valor da individualização no atendimento pedagógico e para a importância de combater estereótipos culturais e linguísticos que possam prejudicar o desenvolvimento emocional e social dessas crianças.

MODELO DO FORMULÁRIO AOS PROFESSORES

PARTE I – PERFIL:

1. IDADE, SEXO, CIDADE/UF DE RESIDÊNCIA:

- Esta seção reúne dados demográficos resumidos sobre a idade, sexo e localidade dos professores participantes da pesquisa.

PARTE II – FORMAÇÃO PROFISSIONAL:

1. CURSO REALIZADO:

- Detalha-se os cursos realizados pelos professores, como Magistério, Pedagogia, entre outros.

2. ESPECIALIZAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO:

- Apresenta-se os dados sobre especializações e programas de pós-graduação stricto sensu.

PARTE III – ASPECTO PEDAGÓGICO:

1. LOCAL DE ATUAÇÃO E EXPERIÊNCIA:

- Recolhem-se informações sobre a atuação dos professores, como se atuam em escolas públicas ou privadas, os anos de experiência e os níveis de ensino em que lecionam.

2. CARGA HORÁRIA E TAMANHO DA TURMA:

- Descreve-se a carga horária de trabalho e a média de alunos nas salas de aula.

3. DIFICULDADES ENFRENTADAS EM SALA DE AULA:

- Relatam-se as principais dificuldades enfrentadas pelos professores no cotidiano escolar.

QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE COORDENAÇÃO MOTORA FINA E LATERALIDADE:

- Agrupam-se questões que abordam a coordenação motora fina e a lateralidade, destacando as respostas dos professores para cada uma delas. Esta seção organiza-se em subseções, que abordam desde a identificação de dificuldades até as estratégias utilizadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou explorar as especificidades do desenvolvimento psicomotor e cognitivo de crianças canhotas, com foco no contexto escolar. Os dados coletados a partir das respostas de 25 professores participantes revelam percepções valiosas sobre como os educadores lidam com as necessidades dos alunos canhotos.

Os desafios identificados indicam a necessidade urgente de uma abordagem pedagógica mais sensível e adaptada. A falta de preparo de muitos docentes para lidar com as especificidades dos canhotos reforça a importância da capacitação profissional. Muitas vezes, os educadores não estão cientes das dificuldades enfrentadas por essas crianças, especialmente em relação à disponibilidade de materiais adequados e à adoção de uma postura empática.

Outro ponto crucial é a identificação das dificuldades motoras no início da alfabetização. Como a lateralidade se manifesta precocemente, os educadores precisam estar atentos às necessidades específicas dessas crianças, fornecendo apoio durante a fase de escrita. Além disso, a influência do professor no universo emocional das crianças canhotas pode afetar diretamente sua autoestima, o que torna essencial a criação de um ambiente que respeite a diversidade motora.

A pesquisa também destacou a importância de disponibilizar materiais adequados, como tesouras e carteiras adaptadas para canhotos, e a necessidade de estratégias pedagógicas inclusivas. A falta de empatia pedagógica, relatada por uma das respondentes, indica que muitos educadores ainda não reconhecem as particularidades dos alunos canhotos, o que pode prejudicar o processo de aprendizagem e afetar a confiança desses estudantes.

A hipótese inicial, que sugeria o despreparo de muitos professores para lidar com crianças canhotas, foi confirmada, o que indica a urgência de políticas educacionais e programas de formação docente que abordem essas questões. Tais iniciativas garantirão que os professores desenvolvam aptidões para trabalhar com a diversidade de habilidades motoras de maneira eficaz.

Dessa forma, a contribuição dessa pesquisa é significativa para a reflexão sobre a importância da sensibilidade pedagógica e da formação contínua dos professores. É essencial proporcionar um ambiente educacional inclusivo e adequado ao desenvolvimento integral das crianças canhotas, garantindo uma educação de qualidade, respeitosa e que valorize suas especificidades. A promoção de práticas pedagógicas que reconheçam e integrem a diversidade de habilidades motoras ajudará os alunos a se sentirem aceitos, valorizados e, consequentemente, a desenvolverem uma autoestima positiva.

Por fim, acredita-se que este estudo contribuirá para uma abordagem mais atenta e acolhedora das crianças canhotas, tanto por parte dos educadores quanto dos pais, durante a fase de alfabetização. Isso será fundamental para que essas crianças se sintam seguras e confiantes em sua identidade, reconhecendo sua peculiaridade com orgulho.

6. REFERÊNCIAS

ALVÃO, Leandra Cauneto; BOGONI, Rosangela Marcilio. Lateralidade: um estudo de caso de crianças canhotas. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, Medianeira, e. 5146, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/e-5146>. Acesso em: 19 out. 2022.

COSTA, Priscila Lambach Ferreira da; SOUSA, Clariza Prado de. **Canhotos na escola: representações sociais sobre uma diferença invisível**. Políticas públicas, educação e diversidade: uma compreensão científica do real. São Paulo, 333-340, 2020. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/articles/200801106.pdf>. Acesso em: 28/12/2022.

MELO, Thiago Martins de. **Pseudonegligência, dominância manual e habilidades motoras em alunos de artes visuais em comparação com alunos de outros cursos**. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Disponível em: <<https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/1927>>. Acesso em: 07 out. 2023.

MILENKOVIĆ, Sanja (*et al*). **Historical aspects of left-handedness**. University of Belgrade, Faculty of Medicine, Institute of Hygiene and Medical Ecology, Belgrade, Serbia, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.2298/SARH190522095M>. Acesso em: 28 dez. 2022.

NEVES, Rita de Araujo; DAMIANI, Magda Floriana. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. **UNirevista**, Pelotas v. 1, n.2, abr 2006. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3453/Vygotsky%20e%20as%20teorias%20da%20aprendizagem.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

NÓVOA, Antônio Sampaio da. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

OLIVEIRA, Josivania Feliciano. **Dificuldades de Aprendizagem na Educação Infantil**. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6909/1/PDF%20-%20Josivania%20Feliciano%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.

OLIVEIRA, Mayara Ricardo de. **Leonardo da Vinci e o Estudo do voo: Uma abordagem para o ensino de ciências**. 2017. 120 f. Tese (Mestrado) - Curso de Ciência e A Matemática, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/1927/1/Dissertacao_PseudonegligenciaDominanciaManual.pdf. Acesso em: 07 out. 2023.

PACHER, Luciana Andréia Gadotti; FISCHER, Julianne. Lateralidade e Educação Física. **Associação Educacional Leonardo da Vinci – ASSELVI**, 2003. Disponível em: <https://docplayer.com.br/16276156-Lateralidade-e-educacao-fisica.html>. Acesso em: 16/01/2023.



PEREIRA, Beatriz Garcia. A afetividade no desenvolvimento infantil: **Contribuições de Wallon**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/196353/Beatriz%20Garcia%20Pereira.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

RANGEL, Ingrid Ribeiro da Gama; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; NASCIMENTO, Eleonora Campos Teixeira. Canhotos em terra de destros: as dificuldades escolares enfrentadas pelas pessoas que escrevem com a mão esquerda. **Revistas Eletrônicas da Fundação Educacional Ituverava**, v.12, n.2, out. 2015. Disponível em:

https://core.ac.uk/display/268033459?utm_source=pdf&utm_medium=banner&utm_campaign=pdf-decoration-v1. Acesso em: 21 nov. 2022.

RIBEIRO, Claudia Christina. **A importância e como se desenvolvem os Elementos básicos da psicomotricidade na Educação infantil**. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2005.

WALLON, Henri. **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes, 1979.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Contatos: heloisabp@gmail.com e isabel.silveira@mackenzie.br